

“Instalação Científica”: pensando um novo conceito para o espaço de mostras e feiras científicas nas Ciências Humanas

BECKER, Márcia Regina¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

EGGERT, Edla²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

1 INTRODUÇÃO

Apresentaremos nesse texto um conceito em construção que estamos denominando de “Instalação Científica” e que experimentamos em três situações distintas: uma no VI Congresso Internacional de Educação da UNISINOS (2009), outra no III Congresso de Gênero e Religião da Escola Superior de Teologia – EST (2009) e a última na Feira de Iniciação Científica na UFPel (2009). Nosso projeto de pesquisa é: *A narrativa de processos auto-formadores de tecelãs – construindo novos debates para a EJA* e a nossa pesquisa empírica ocorre num atelier de tecelagem na cidade de Alvorada, cidade vizinha de Porto Alegre no RS, onde acompanhamos em um atelier o trabalho de tecelagem manual de mulheres tecelãs.

Procuramos apresentar nossa pesquisa sobre os processos de ensinar e aprender a tecer por meio de instalações, por acreditarmos que elas possuem um caráter de experiência, que possibilitam a visibilização de alguns processos da pesquisa e em especial os processos e técnicas imbricadas no ato de tecer manualmente. Destacamos ainda o campo dos estudos feministas e da Educação Popular onde a *Experiência* é um conceito que nos acompanha.

Estamos buscando inovar na área do conhecimento onde nos situamos: as Ciências Humanas e esperamos que o conceito de “Instalação Científica” possa se difundir, uma vez que, em outras áreas do conhecimento as instalações já estão bem mais presentes.

Atualmente o isolamento do conhecimento em áreas ou disciplinas não consegue mais dar conta da complexidade da vida contemporânea. Por isso acreditamos ser necessário estabelecer relações com/entre diversas áreas do conhecimento e ao nosso modo de entender uma Instalação ela pode propiciar o diálogo entre áreas distintas entre si.

Recorremos para o campo da Arte a fim de conceituar *Instalação*. Para Bosco (2007) “a Instalação não permite uma rotulação una, já que é, por princípio, experimentação”. Para Holz, Lamas e Lourenço (2005) “a instalação define-se a partir da sua poética, isto é, sua relação com o espaço, incorpora objetos, elementos, atitudes e sons, gerando uma cadeia de apropriações, metáforas e paródias”.

A divulgação científica tem se intensificado nos últimos anos basta vermos os números de inscritos em eventos científicos em especial em feiras de I.C. quem vem crescendo, por isso a nossa preocupação é possibilitar ao menos uma relação mais integrada entre a academia e a sociedade em geral, pois observamos

¹ Bolsista PIBIQ/CNPQ e aluna do curso de graduação de Pedagogia e Filosofia da UNISINOS. E-mail: marciareginabecker@gmail.com

² Profª do PPG de Educação da UNISINOS. Bolsista de Produtividade CNPQ nível 2. E-mail: edla@unisinobr.

que o conhecimento construído na academia ainda esta muito retida para dentro dela própria. Já que, segundo Tedesco (2004) “o espaço no qual a instalação se sustenta, ao qual se refere com o qual se articula e onde os visitantes são acolhidos, é um espaço híbrido onde coexistem o espaço da arte e o espaço da vida.” Existindo, portanto o “espaço da arte” a *Instalação* é um espaço livre e existindo o “espaço da vida” temos um ambiente propicio para novas relações entre a academia e a sociedade e entre as diferentes áreas do conhecimento.

2 METODOLOGIA

Por meio de três “Instalações Científicas” realizadas em três momentos distintos e já referenciadas, apresentamos nossa pesquisa em um espaço e um tempo com uma poética e estética própria “narrando” os processos imbricados no ato de tecer manualmente e também os processos e resultados do nosso projeto de pesquisa que objetiva pensar os modos de ensinar e aprender artesanato e nessa pesquisa a tecelagem.

As instalações foram montadas em espaços físicos perto dos principais espaços onde ocorriam os eventos científicos. Aproveitamos o fluxo de pessoas nesses espaços ocorridos em São Leopoldo (UNISINOS e da EST) como da feira de I.C. ocorrida em Pelotas na UFPEL.

A primeira instalação que montamos no VI Congresso Internacional de Educação da UNISINOS (2009) serviu de base e discussão para a montagem das outras duas. Segundo Bachelard (1998) “o espaço convida a ação, e antes da ação a imaginação trabalha”, assim essa primeira instalação foi organizada e montada pela tecelã chefe do atelier, pelas bolsistas de I.C. e pela orientadora do projeto de pesquisa. Em momentos simultâneos se faziam presentes na Instalação uma tecelã trabalhando com um tear e as bolsistas de I.C. que buscavam explicar como acontecia a pesquisa. No espaço da instalação dispusemos peças tecidas e acabadas pelas tecelãs, vindas do atelier, propiciando a experiência sensorial para quem parasse para olhar o material exposto. Dispomos ainda nesse de pôsteres que explicavam a pesquisa. Também durante essa instalação uma das bolsistas aprendeu a tecer com a tecelã coordenadora que participou do evento científico, evidenciando o caráter de experiência que faz pensar o conceito de experiência abordado por Dewey do “aprender da experiência” (1959, p.153), ou seja, aprender fazendo!

Após essa primeira instalação começamos a estudar as possibilidades que “Instalações Científicas” poderiam trazer para nossa área do conhecimento. Começamos a aprofundar o conceito de *Instalação* e passamos a planejar as próximas.

A segunda instalação foi montada no III Congresso de Gênero e Religião da EST (2009) e participaram da montagem da instalação a orientadora e uma bolsista de I.C. Nesta instalação já possuíamos folderes produzidos para a divulgação dos resultados da pesquisa que gerou uma visibilidade da produção do grupo. Dispusemos peças tecidas pelas tecelãs, vindas do atelier, propiciando a experiência sensorial a exemplo da primeira instalação. Nesta segunda instalação não foi possível à vinda de nenhuma das tecelãs, no entanto a bolsista de I.C. que havia aprendido a tecer na primeira instalação assumiu a função de tecer. Essa experiência gerou uma movimentação curiosa por parte dos

visitantes. A Escola Superior de Teologia, um lugar significativamente composto por homens, embora já haja muitas estudantes de teologia, fez com que a curiosidade e os comentários quase jocosos aparecessem num tom de brincadeira. Mas um tom que, considerando nossas suspeitas com base numa hermenêutica feminista, diz muito. A surpresa de deparar-se com alguém tecendo e expondo peças forçou/possibilitou fazermos com alguns que passaram por lá uma reflexão sobre a visibilidade desse tipo de conhecimento. Causou e causa em cada uma de nós, pesquisadoras, boas suspeitas de seguir pensando questões relacionadas à epistemologias marginais como as do cotidiano das mulheres.

Em Pelotas na ocasião da Feira de Iniciação Científica na UFPel (2009) organizamos outra “Instalação Científica” com a Prof^a Dr^a Marcia da Silva que pesquisa um grupo local de artesãs. A organização do espaço desta última se deu de maneira diferente das outras duas. Dentro de um espaço físico bem mais amplo, estávamos entre dois grupos diferentes: um que era o nosso grupo e formado pelas três bolsistas de I.C. tendo como campo empírico o atelier de tecelagem em Alvorada e outro o grupo de artesãs de Pelotas. Essa instalação permitiu o diálogo entre os dois grupos de maneira que as bolsistas puderam compreender um pouco mais acerca do trabalho artesanal realizado por grupos de mulheres de realidades diferentes, porém com semelhanças em certos aspectos como a precariedade desse tipo de trabalho. Da mesma forma que nas outras duas instalações disponibilizamos vários pôsteres explicativos da pesquisa bem como a distribuição do folder e da exposição de peças artesanais dos dois grupos.

No final de cada “Instalação Científica” foram escritos pequenos ensaios sobre as impressões com base nessa experiência com posterior análise no grupo da prática de pesquisa sobre as essas três “Instalações Científicas”, fazendo parte da nossa metodologia como análise e avaliação. Na perspectiva de relatar e escrever sobre essas experiências Josso (2004) e Gebara (2000) fundamentam essa perspectiva que parte do pressuposto de narrar experiências vividas, a fim de que sejam captadas as particularidades o que, para quem vem fazendo um estudo a partir da perspectiva feminista é essencial, pois permite a visibilidade dos processos no trabalho realizado por mulheres (podemos pensar aqui tanto no trabalho de tecer como no trabalho realizado na instalação científica de apresentar o que pesquisamos) e que também ao escrever estamos refletindo sobre o que vivenciamos o que é essencial para Dewey: “sem algum elemento intelectual não é possível nenhuma experiência significativa” (1959, p.158).

3 RESULTADOS

Como resultados nosso grupo observou aproximações entre o campo empírico e o acadêmico, visibilizando os processos presentes na confecção de uma peça tecida manualmente, bem como, os modos de ensinar e aprender imbricados nesse processo, os resultados e a discussão do projeto de pesquisa com o público.

As instalações propiciaram uma outra forma de apresentar pesquisas científicas nas ciências humanas e evidenciaram o uso de vários suportes e de inúmeras linguagens para a difusão do conhecimento científico, além do uso

tradicional do pôster e das apresentações orais comuns na área das ciências humanas. Tanto nós da academia como as tecelãs e artesãs observamos que ao explicar e mostrar na prática, para quem entrava na instalação, a confecção de uma peça feita manualmente por nós mulheres, ficavam muito mais fácil entender a pesquisa e principalmente seus processos.

Após a *Experiência* de expor a pesquisa por meio de *Instalações* evidenciamos a possibilidade de inovar através de um novo conceito no lugar onde nos situamos: nas Ciências Humanas.

4 CONCLUSÕES

Além dos resultados que as “Instalações Científicas” trouxeram especificamente para a nossa pesquisa, permitindo experienciar o expor, o tecer e o explicar a pesquisa, refletindo sobre o conceito de Instalação, concluímos que é possível apresentar pesquisas acadêmicas por meio de *Instalações*, uma vez que é uma forma de expressão que carrega em si várias linguagens e que, por isso, pode servir de inovação para a área das Ciências Humanas, permitindo o uso de suportes diferentes e de recursos os mais variados que permitem as novas experiências.

Numa instalação como essa pode ser construída ainda uma pedagogia que permite, muito particularmente, a visibilização de alguns processos do trabalho feminino de tecer e pesquisar.

A *Instalação Científica* pode vir a ser uma proposta aqui lançada que se deixa perpassar por uma outra ótica de mostrar o que se pesquisa na academia.

5 REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martim Fontes, 1993.
- DEWEY, John. **Democracia e educação**; Tradução de Anísio Teixeira. 3ª ed São Paulo: Ed. Nacional, 1959.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**; Tradução de Anísio Teixeira. 2ª ed São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HOLZ, Daniela K; LAMAS, Nadja C; LOURENÇO, Sonia. **A instalação e o livro de artista na arte contemporânea catarinense**. Acessado em 28/08/10 e disponível no site: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/daniela_holz.pdf.
- JOSSO, Marie-Cristhine. **Experiências de Vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SILVA, Luciana B. e. **Cidade/arte: a instalação e sua transmutação em objeto expandido no meio urbano**. Acessado em 28/08/10 e disponível no site: http://ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/cidade_arte.pdf.
- TEDESCO, Elaine. **Instalação: campo de relações**. Acessado em 28/08/10 e disponível no site: <http://www.comum.com/elainetedesco/pdfs/instalacao.pdf>